

## UMA OBRA-PRIMA DE DÜRER E UM INTRIGANTE ROSTO PORTUGUÊS

ALBRECHT DÜRER

23 JUNHO – 24 SETEMBRO 2023

**DOIS ANOS ANTES** da realização do retrato de Jakob Muffel, Erasmo de Roterdão escrevia numa carta ao poeta e humanista alemão Pirckheimer que Dürer era um artista para não morrer nunca. Em 1781, Goethe notava ao seu amigo F. Müller que se Rafael e Dürer conseguiram atingir a perfeição, restava ao verdadeiro estudante evitar escolher entre os dois. Dois séculos e meio medeiam entre estas afirmações que decretam a imortalidade e a perfeição da arte de Albrecht Dürer, dois conceitos que obviamente se têm de manusear com cautela. Mas parece muito evidente que ambas as ideias, de perfeição e de imortalidade, acompanharam a vida e o trabalho de Dürer. Poucos artistas tiveram uma aprendizagem tão completa. Filho de um ourives do mesmo nome, afilhado do impressor Anton Koberger, Dürer aprendeu pintura com o mais importante mestre de Nuremberga, Michael Wolgemut, e iniciou-se cedo na gravura e também cedo começou as suas viagens pela Alemanha, pela Suíça, por Itália e pelos Países Baixos. Extremamente dotado no desenho, cresceu no meio dos impressores e fez profundas amizades com os principais escritores e humanistas do seu tempo, inaugurando um novo tipo de artista entre os pintores do Norte: culto, literato, consciente da importância das artes como fenómeno cultural. Os seus sucessivos autorretratos refletem os modelos intelectuais e nobres que assumiu para si mesmo e provam, como os seus escritos, uma perfeita autoconsciência da sua genialidade e da forma como encarava a sua arte. O Museu Nacional de Arte Antiga possui uma das suas obras-primas, o *São Jerónimo* oferecido a Rui Fernandes de Almada, secretário da feitoria portuguesa na Flandres e seu grande amigo. Podemos agora unir-lhe duas outras pinturas que ajudam ao conhecimento do pintor.

O retrato de Jakob Muffel é uma obra tardia, dos anos finais da carreira de Dürer. É também um retrato tardio de Muffel, que viria a morrer nesse ano. Os dois eram quase rigorosamente contemporâneos e nascidos em Nuremberga,



Albrecht Dürer  
(1471-1528)

**Retrato de  
Jakob Muffel**

1526

Óleo sobre madeira  
transferido para tela  
49,7 × 37,2 cm

Berlim, Gemäldegalerie,  
inv. 557 D



Albrecht Dürer (?)  
ou a partir de Dürer

**Retrato de  
homem (João  
Brandão)**

c. 1525

Óleo sobre madeira  
de carvalho (inacabado)  
43,4 × 33,5 cm

Reino Unido,  
coleção particular

em 1471. Muffel morreu em 1526 e Dürer apenas dois anos depois. Há bastantes provas das relações entre ambos. Muffel foi uma das testemunhas no processo que se seguiu à compra da casa de Dürer, tinham muitos amigos em comum e deviam eles próprios ser amigos. No diário da

viagem que fez em 1520-1521 aos Países Baixos, Dürer deixou anotada a compra de uma *écharpe* escarlate de uma vara para enviar de presente a Jakob Muffel. O retrato não foi, no entanto, um preito de amizade. Muito provavelmente tratou-se de uma encomenda oficial. Muffel foi vereador e presidente da Câmara de Nuremberga e, no mesmo ano, Dürer pintou também o retrato do senador Hieronymus Holzschuher, com as mesmas dimensões, devendo tratar-se ambos de uma única encomenda destinada à câmara da cidade que, recorde-se, no ano anterior tinha tomado a importante decisão de passar para o campo protestante. Panofsky notou uma certa diferença na pose dos dois homens, com um Holzschuher quase folgazão em contraste com uma certa rigidez da pose de Muffel, vindo aí alguma ironia do pintor, mas pode não ser indiferente à postura de Muffel o facto de se encontrar certamente já doente e muito próximo do fim da vida. De qualquer forma, resulta do seu retrato uma pose institucional e uma seriedade responsável, aconselháveis na imagem de um homem que tinha dedicado a vida ao serviço público. Num modelo de retrato de busto, que foi caro a Dürer, a figura ocupa quase toda a pintura, recortando-se sobre o fundo azul. O rosto é cuidadosamente modelado em toda a sua estrutura e pormenores, numa acentuação das linhas que contribui para um certo endurecimento das feições vincadas, mas que é um exemplo de excelência da arte do retrato de Dürer e das suas capacidades analíticas de apreensão da figura humana.

O outro retrato aqui mostrado apresenta uma série de questões que o tornam um caso de estudo particularmente interessante, desde logo por estar inacabado, o que nos revela muito sobre o seu processo criativo, deixando ver o desenho de preparação e fases diferenciadas de aplicação da cor. Mostrado pela primeira vez na grande exposição de Aachen, de 2021, e atribuído a um «mestre desconhecido», o retrato deriva diretamente de um desenho de Dürer da Galeria Albertina de Viena (inv. 3166). Embora não datado, tudo leva a crer que o desenho tenha sido executado em 1521, durante a viagem de Dürer aos Países Baixos, em que criou amizade com vários membros da feitoria portuguesa.

A partir deste desenho conhecem-se três outros retratos pintados, um de pequenas dimensões, de localização desconhecida, outro nas coleções reais inglesas e um terceiro da Fundação Phoebus, de Antuérpia. Estes últimos retratos são claramente de produção flamenga, o que não é certo na pintura aqui apresentada. A imagem foi popularizada por toda a Europa, a partir de uma gravura publicada por Philips Galle, em 1587, em que surge identificada como Damião de Góis. Galle publicara em Antuérpia, em 1572, um álbum com 44 gravuras de sábios famosos, acompanhados de pequenos poemas escritos por Arias Montano. No prefácio, pedia aos leitores que lhe enviassem outros retratos para uma nova edição, que haveria de sair em 1587, com poemas de François Raphelengien, o jovem, neto do célebre impressor Plantin Moretus, e 50 novos retratos. Foi nesta edição que o personagem desenhado por Dürer foi identificado como Damião de Góis, numa gravura feita provavelmente a partir de uma cópia pintada. Para além do livro de Galle, a gravura circulou como folha solta, e a chapa (que se mostra nesta exposição) foi mais tarde, provavelmente nos finais do século XVIII, contrafeita com um falso monograma de Albrecht Dürer. Apesar de circular como um verdadeiro retrato de Damião de Góis, desde cedo que a historiografia pôs em causa esta identificação, pois o humanista português e o pintor alemão nunca se devem ter conhecido. Góis só chegou aos Países Baixos em 1523, dois anos depois da viagem de Dürer, e fez a primeira visita à Alemanha em 1529, já depois da morte do pintor. Galle foi, provavelmente, induzido em erro por alguém que lhe enviou o retrato, já depois da morte de Damião de Góis, e quando o humanista era já bastante conhecido na Europa pelas suas publicações. O desenho original de Dürer deve representar João Brandão, o único dos portugueses que Dürer afirma ter retratado que se pode associar a este retrato, embora a dúvida permaneça. O diário de viagem do pintor alemão dá, no entanto, conta da sua grande amizade com Brandão, conhecendo-se também o belíssimo retrato que fez da sua criada negra, Catarina.

JOAQUIM OLIVEIRA CAETANO